

VOCABULÁRIO ARISTOTÉLICO

Kátharsis

κάθαρσις

« Junho de 2009 »

1. Traduções

1.1. Traduções em português.

Catarse: POLÍTICA, trad. Mário da Gama Kury. 3ª ed. Brasília: UNBrasília, 1997.

Purificação: POÉTICA, trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Ed. Nova Cultural (Os Pensadores), 1987.

1.2. Traduções em outras línguas.

Purgación, purificación: POÉTICA DE ARISTÓTELES, trad. Valentín García Yebra. Madrid: Editorial Gredos, 1974.

Purgatio, expiatio: POÉTICA DE ARISTÓTELES, trad. Antonio Riccobono (apud V. G. Yebra em obra supracitada).

Purga: METAFÍSICA DE ARISTÓTELES, trad. Valentín García Yebra. Madrid: Gredos, 1998.

Purgatio: METAFÍSICA DE ARISTÓTELES, trad. Guillermo de Moerbeke (apud V. G. Yebra em obra supracitada).

Règles, évacuation, expulsion, perte, flux menstruel : HISTOIRE DES ANIMAUX, trad. Pierre Louis. Paris: Les Belles Lettres, 1968.

1.3. Traduções acessíveis pela Internet.

Arte Poética, tradução de Paulo Costa Galvão.

www.culturabrasil.org/poetica/artepoetica_aristoteles.html

2. Análise e Discussão

2.1. Definições

Não nos chegou uma definição de *kátharsis* feita por Aristóteles. Acredita-se que ela estivesse na parte perdida da *Poética*, já que Aristóteles explicita a intenção de oferecê-la em uma passagem da *Política*, em 1341b38: "o que falamos da catarse, agora de modo simples, novamente enunciaremos no acerca da poética com mais clareza".

Através da edição da *Poética* de Valentín García Yebra temos acesso a definições dadas por alguns comentadores e suas respectivas traduções para o espanhol:

Século XVI: Battista Guarini, *Il Verrato*, 1558, p. 22 (Weinberg, p. 658, n. 49): "[Los efectos de la purgación operada por la tragedia son como los que consiguen los médicos] "i quali quand'essi vogliono purgare, pogniam caso la colera, non è fin loro di spegnerla, ò diradicarla in tutto dal corpo humano... ma di levarne sol quella parte che... corrompe la simetria degli humori, onde poi nasce la 'nfermità. Non purga dunque il Poema Tragico gli affetti suoi alla stoica nò, spiantandoli affatto da nostri cuori, ma moderandoli et riducendoli à quella temperie che può servire all'habito virtuoso... Han dunque bisogno questi due affetti d'esser purgati, cioè ridotti à virtuoso temperamento, et questo fa la Tragedia"."

[Os efeitos da purgação operada pela tragédia são como os que conseguem os médicos] "os quais, quando querem purgar, por exemplo, a bÍlis, não se propõem a suprimi-la ou erradicá-la totalmente do corpo humano... mas a afastar somente aquela parte que

corrompe a simetria dos humores, de onde logo nasce a enfermidade. Assim, pois, o Poema Trágico não purga seus afetos à estoica, arrancando-os totalmente de nossos corações, mas moderando-os e reduzindo-os à tempérie que pode servir ao hábito virtuoso... Têm, pois, essas duas afecções necessidade de ser purgadas, isto é, reduzidas ao virtuoso temperamento, e isto faz a Tragédia."

Século XX: "J. Hardy, *Aristote. Poétique*. Quatrième édition, Paris, 1965, p. 22: "La conception de la *catharsis* dérive d'une conception plus générale, et qui par Platon remonte à Démocrite, d'un traitement homoeopathique. Il consiste, pour la tragédie, à traiter le tempérament plus ou moins émotif du spectateur par des émotions provoquées. De la même façon, dans les cultes orgiastiques, l'enthousiasme provoqué par les danses rituelles guérissait de l'enthousiasme religieux envoyé par le dieu".

"A concepção da *catharsis* deriva de uma concepção mais geral, e que para Platão remonta a Demócrito, de um tratamento homeopático. Ele consiste em, pela tragédia, tratar o temperamento mais ou menos emotivo do espectador através de emoções provocadas. Do mesmo modo, nos cultos orgiásticos, o entusiasmo provocado pelas danças rituais curava o entusiasmo religioso enviado pelo deus."

"A. Rostagni, *Poetica di Aristotele*, 2ª ed., Torino, 1945, pág. XLV:

"In realtà la catarsi musicale, con cui quella poetica si identifica, è da Aristotele presentata come una operazione tra medica ed orgiastica mediante la quale gli uomini trovano sfogo alle loro passioni e, in conseguenza di ciò, si sentono alleggeriti ed allietati".

"Em realidade, a catarse musical, com a qual se identifica a catarse poética, é apresentada por Aristóteles como uma operação entre médica e orgiástica, mediante a qual os homens encontram desafogo para suas paixões e, em consequência, se sentem aliviados e alegres."

Definição do próprio Yebra:

"*Kátharsis* é propriamente um termo técnico da linguagem da medicina. No *Index Aristotelicus* de Bonitz 354b22-355a32 pode-se ver numerosos exemplos deste uso nas obras de Aristóteles. Neste sentido corresponde ao lat. *purgatio*, esp. "purgamento" ou "purgação". Deste primeiro sentido fisiológico, que pode se estender inclusive ao reino vegetal - aplicado por exemplo à poda das vinhas -, passa-se, por analogia, a outro que é também uma espécie de termo técnico da linguagem religiosa, de onde vem a ser o sinônimo "expição" ou "purificação"; assim no cap. 17 da *Poética*, 55b15: "como, em Orestes, a loucura, pela qual foi detido, e a salvação mediante a purificação". Por último, *kátharsis* se usa também analogicamente, em sentido psíquico: assim como se purgam os humores do corpo para evitar ou curar enfermidades, também se purgam as paixões ou as afecções da alma para curá-la de suas doenças.

"É evidente que Aristóteles nessa passagem não se refere aos humores do corpo nem à purificação de caráter religioso obtida mediante cerimônias ou ritos determinados, mas que usa a palavra analogicamente, em sentido psíquico, com relação a doenças da alma. Nos textos aludidos no *Apêndice I* pode-se ver que a maioria dos tradutores e comentadores, ao traduzir ou explicar esta passagem, usam a palavra latina *purgatio* ou seus derivados modernos. Assim fazem-no quase unanimemente os que são citados do século XVI, e unanimemente os cinco do XVII. Nos posteriores há mais variedade terminológica. Rostagni destaca inclusive a palavra *purificati*. Para os alemães deve-se ter em conta que *Reinigung* tanto pode significar "purgação" no sentido fisiológico e terapêutico como "purificação" em sentido moral e anímico. Parece-me, pois, admissível "purificação" para traduzir *kátharsin* nessa passagem, posto que Aristóteles não usa aqui o termo em sua acepção primeira, mas em sentido analógico; preferível, contudo, "purgação", precisamente pela conotação medicinal ou terapêutica que implica a significação analógica desta palavra.

"Verbos denominativos: 1) καθάρω [κοθ- em Heraclida], f. -αρω, aor. - ηρα [mas a partir do gr. helen. também - αρα] "limpar, purificar, purgar" (Hom., ion. -att., medic., etc.), igualmente com pref. : ἀνα-, ἀπο-, δια-, ἐκ-, ἐπι-, περι-, etc. Nomes de ação: κάθαρσις [κοθ- em "έλέην"] "purificação, evacuação", etc. (ion. -att., etc.), igualmente com ἀνα-, δια-, καθαρμός (Emp., Hdt., trag.) sobretudo empregado com um sentido religioso; κάθαρμα "purificação", mas também o que vem da purificação, da limpeza, de onde "detrito, lixo" (ion. -att.), sobretudo no plural. Nomes de agente: καθαρτής "purificador" (Hp., ion. -att., etc.), de onde καθαρτικός "bom para purificar" (Hp., Pl., Arist., etc.); καθάρσιος "purificador" no sentido religioso (Hdt., trag.); com καθάρσιον "sacrifício de purificação" (Ésq.), ou "purgação" (med.); *καθαρός não é atestado, mas ἀκάθαρος "sujo, impuro" (Hp., Pl., D.); o nome de agente καθαρτήρ é tardio (Man., Plu.), com καθαρτήριος (D. H.);

"2) καθαρίζω "limpar, purificar" (LXX, NT, pap., etc.), igualmente com os prefixos ἀπο-, δια-, ἐκ-, περι-, de onde os nomes de ação καθαρισμός "purificação" (LXX, NT, pap.) καθάρσις (pap.);

"3) καθαρεύω "ser próprio, puro, limpo" (Pl., etc.) com o dublê καθαριεύω (med., gram.) e καθάρουσις (Hsch., EM);

"4) Presente factitivo na passiva καθαρίζομαι "ser purificado" (LXX).

"καθαρός significa "próprio" mas a pureza ritual se encontra estreitamente associada à propriedade. No sentido religioso se ορθε a μιαρός e se distingue de άγνός mais sinceramente religioso. Ver Rudhart, *Notions fondamentales* 50-51.

"καθαρός subsiste em grego moderno, com palavras notáveis como καθαρεύουσα "linguagem purista", καθαρίζω, καθάρισμα "limpeza", καθαριστήριο "tinturaria", etc.

"Et.: A variação entre καθαρός e a forma dialetal κοθαρός é inexplicada. Sem etimologia: poder-se-ia supor um neutro antigo * κάθαρ ou * κόθαρ."

2.3. Passagens importantes

ἔστιν οὖν τραγωδία μίμησις πράξεως σπουδαίας καὶ τελείας μέγεθος ἐχούσης, ἡδυσμένω λόγῳ χωρὶς ἐκάστῳ τῶν εἰδῶν ἐν τοῖς μορίοις, δρώντων καὶ οὐ δι' ἀπαγγελίας, δι' ἐλέου καὶ φόβου περαίνουσα τὴν τῶν τοιούτων παθημάτων κάθαρσιν.

Portanto a tragédia é a imitação de uma ação séria e acabada, que possui grandeza, que compraz pela palavra, com separação de cada uma das espécies em partes, através da atuação e não de um relato, que por meio da piedade e do medo leva a termo a purgação dessas afecções. (*Acerca da Poética*, 1449b24-28, trad. Alice Haddad).

ἔτι δὲ οὐκ ἔστιν ὁ αὐλὸς ἠθικὸν ἀλλὰ μᾶλλον ὀργιαστικόν, ὥστε πρὸς τοὺς τοιούτους αὐτῷ καιροὺς χρηστὲρον ἐν οἷς ἡ θεωρία κάθαρσιν μᾶλλον δύναται ἢ μάθησιν.

Ademais a flauta não é da ordem dos costumes, mas, sim, ela é orgiástica, de modo que se deve se servir dela naquelas circunstâncias nas quais o espetáculo tem o poder de purgar, não o de ensinar. (*Política*, 1341a21, trad. Alice Haddad).

ὁ γὰρ περὶ ἐνίας συμβαίνει πάθος ψυχὰς ἰσχυρῶς, τοῦτο ἐν πάσαις ὑπάρχει, τῷ δὲ ἦττον διαφέρει καὶ τῷ μᾶλλον, οἷον ἔλεος καὶ φόβος, ἔτι δ' ἐνθουσιασμός· καὶ γὰρ ὑπὸ ταύτης τῆς κινήσεως κατοκώχιμοί τινές εἰσιν, ἐκ τῶν δ' ἱερῶν μελῶν ὀρώμεν τούτους, ὅταν χρήσωνται τοῖς ἐξοργιά ζουσι τὴν ψυχὴν μέλεσι, καθισταμένους ὥσπερ ἰατρείας τυχόντας καὶ καθάρσεως· ταῦτό δὴ τοῦτο ἀναγκαῖον πάσχειν καὶ τοὺς ἐλεήμονας καὶ τοὺς φοβητικούς καὶ

τοὺς ὅλως παθητικούς, τοὺς δ' ἄλλους καθ' ὅσον ἐπιβάλλει τῶν τοιούτων ἑκάστῳ, καὶ πᾶσι γίνεσθαι τινα κάθαρσιν καὶ κουφίζεσθαι μεθ' ἡδονῆς.

Pois a disposição está unida a algumas almas de modo intenso, embora ela subsista em todas, diferindo-se pela menor e pela maior intensidade e tendo como exemplos a piedade, o medo e o entusiasmo; pois alguns que são possuídos por essas perturbações, vemo-los por causa dos cantos sagrados, no momento em que se prestam aos cantos suas almas são lançadas em delírio, apresentando-se como os que se encontram sob tratamento e purgação; isto mesmo então é forçoso que sofram tanto os piedosos quanto os medrosos e os que em geral são sensíveis, e os outros na medida em que o mesmo se lança sobre cada um deles; e a todos ocorre uma purgação e sentem alívio junto com prazer. (*Política*, 1342a4-15, trad. Alice Haddad).

2.4. Discussão conceitual

Em geral, associa-se o termo *kátharsis* à *Poética* quando se estuda Aristóteles. É interessante notar que nessa obra o termo só aparece duas vezes e, mesmo assim, em cada momento em um âmbito semântico diferente. Tal associação, a princípio estranha, não é de todo modo impertinente; pois parece que é na *Poética*, em um único passo, que o termo é cunhado por Aristóteles, tomando uma forma especial, destacada da acepção ordinariamente conhecida. Para chegarmos a essa conclusão passamos pela leitura da *História dos Animais*, onde encontramos um sentido mais concreto do termo, e da *Política*, onde já se vê, embora sem muita clareza (como admite o próprio Aristóteles), a adoção de um sentido menos físico para a *kátharsis*. Mas refaçamos o percurso:

No livro VII da *História dos Animais*, *kátharsis* na maior parte das vezes significa menstruação. No capítulo II Aristóteles afirma ser a menstruação o fluxo produzido pela excreção. Ela é um líquido excedente próprio às mulheres, visto que em outros animais tal excedente serve para formar escamas e plumas, no caso dos que não são vivíparos, e pelos e urina espessa no caso dos vivíparos. Como o homem entre esses últimos é o único que tem a pele lisa, sua excreção se dá pela menstruação nas mulheres e pelo esperma nos homens. A menstruação (*kátharsis*) é uma expulsão necessária, pois mesmo quando ela é interrompida, no momento da gravidez, seu fluxo se volta para os seios e se transforma em leite e, se ainda assim, a mulher tem um excesso de líquido que deve ser expelido, ela o faz pelo vômito (*émetos* - cap. IV). No capítulo XI Aristóteles descreve outras formas de expulsão do líquido - todas elas substitutas da menstruação. O que fica claro é que a *kátharsis*, ou a sua substituição por outras formas de excreção, é vital para o homem. A ela está subordinada sua saúde. Na *Metafísica* V, 2, dentro da definição de causa (*tò aítion*), *kátharsis* aparece como sendo uma das causas finais da saúde, mas como algo provocado pelo médico, configurando entre outras causas também provocadas: o estancamento (*iskhnasía*), as drogas (*phármaka*) e os instrumentos (*órgana*). Todas elas existem, como afirma Aristóteles em seguida, para o fim (a saúde), sendo umas instrumentos (*órgana*) e outras obras (*érga*). *Kátharsis* e *iskhnasía* são obras, embora com procedimentos opostos. Até aqui temos que a *kátharsis* é não só vital por natureza, como também pode ser um artifício impetrado com vistas à saúde, à vida.

Ainda com interesse no sentido ordinário de *kátharsis*, para se entender de onde Aristóteles parte para empregá-lo a seu modo, encontramos na *Poética* uma outra acepção: *kátharsis* em sentido religioso. O termo é usado na descrição que o autor faz de *Ifigênia entre os Touros*, de Eurípidés (145b2-15). Nessa tragédia Ifigênia, filha de Agamêmnon que seria sacrificada para fazer os ventos voltarem a soprar as naus dos aqueus na direção de Tróia, depois de fugir com a ajuda de Ártemis para a Terra dos Touros passa a ser a sacerdotisa do lugar, cabendo-lhe o sacrifício de qualquer grego que ali entre. Seu irmão, Orestes, que ali aporta, tem um acesso de loucura, começa a matar o gado da região e acaba preso por boieiros. Depois que os irmãos se reconhecem, Ifigênia trama um ritual de purificação para salvar Orestes da morte e para ela própria escapar da fúria do Rei. A salvação de Orestes se dá

mediante a purificação, *kátharsis*, é o que diz Aristóteles. No texto de Eurípides a palavra usada é *katharmós*, uma possibilidade de nome da ação que Chantraine fornece para o verbo *kathároo*. A outra possibilidade, que é a usada por Aristóteles, é *kátharsis*. Essa *kátharsis* é ritual e reconhecida pela gente comum, já que aparece como um bom argumento para enganar o Rei. Como parte essencial do drama, o artifício da *kátharsis* é o que permite a saída do impasse em que os personagens se acham, de modo que ela não devia ser vedada ao público, senão a trama não seria compreendida pelos espectadores.

Em ambos os domínios, o médico e o religioso, *kátharsis* é a liberação de um mal próprio, é um expulsar de si algo cujo excesso é prejudicial; e isso se aplica desde aos líquidos corporais até aos crimes contra as divindades. Isso que para nós só é possível ser sabido a partir da pesquisa, para um grego da época era trivial. Essa era a noção ordinária do termo *kátharsis* (e mesmo hoje, como nos aponta Chantraine, o termo guarda certa simplicidade, própria às palavras faladas no cotidiano; do mesmo radical de *kátharsis* se deriva a palavra *katharistērion* - *tinturaria* para um grego de hoje). Todavia, disso que se mostra trivial Aristóteles faz um uso peculiar, no qual estão envolvidas suas posições acerca da educação, acerca da música e da tragédia especificamente.

No livro VIII da *Política*, Aristóteles, tematizando a educação dos jovens, investiga a função da música. Uma das primeiras questões que ele levanta (cap. IV) é a razão pela qual se deve a dedicação que se lhe presta. Se é a música um jogo (*paidía*) e um descanso (*anápausis*), como diz Eurípides, ou se ela espalha a virtude (*aretē*). Nas *Bacantes* o coro, indignado com a postura do Rei frente a Dionísio assim canta: *Santidade venerável dentre os deuses / Santidade que ao encontro da terra / leva suas áureas asas, / tu escutas Penteu? / Não escutas a blasfema / insolência que dirige a Brômio, / ao filho de Semele, ao de belas coroas / divino por seus festins o primeiro / dentre os bem-aventurados? Esse que te detém / há de celebrar um bacanal com os coros / e por causa da flauta rirá / e das preocupações se livrará, / quando vier da uva / um fulgor em banquete aos deuses, / e sobre hera espessa / a cratera envolver em sono os homens.*

A citação de Eurípides nos interessa por conter uma visão do que seja a flauta. Pois a flauta, também para Aristóteles (Cf. *Política*, 1342a4-15), não tem o poder de ensinar (*máthēsis*), mas o de purgar (*kátharsis*); ela não é da ordem dos costumes, ou da moral (*ēthikón*), é orgiástica (*orgiastikón*); de modo que não é admitida na educação (*paideía*) dos jovens. O autor ainda conta uma história antiga segundo a qual Atena teria jogado fora a flauta logo depois de tê-la inventado. Ainda segundo a história ela o teria feito por desgosto ao ver a deformação na face de seus executantes. Para Aristóteles, porém, a deusa na verdade teria se dado conta de que a flauta não convém de modo algum à reflexão (*diánoia*), tendo ele em vista que à deusa atribuímos a ciência (*epistēmē*) e a arte (*tékhne*).

A partir do pensamento aristotélico acerca da flauta obtemos mais dados sobre a *kátharsis*. Pela *kátharsis* não se aprende, pois ela se opõe a *máthēsis*; ela não é habitual, pois é orgiástica, excepcional; e, ainda, não contribui para a reflexão. Contudo, a *kátharsis*, como se vê em 1342a4-15 (trecho traduzido no item 4.3) se assemelha à droga, posta no mesmo âmbito semântico do tratamento, da cura (*iatreía*), embora agora o objeto de cura não seja o corpo, mas a alma. Esta, acometida por afecções (*páthos*) como o medo, a piedade e o entusiasmo, é perturbada, levada ao delírio e passa pelo processo de purgação (*kátharsis*), que promove, junto com o alívio, o prazer.

Justificando toda a sua digressão acerca da flauta, Aristóteles lembra ainda (em *Política*, 1342b) que todo furor báquico e toda perturbação desse tipo se dão principalmente por meio da flauta. Ele não só elabora um discurso sobre o tema, como também aponta para a sua efetividade.

Com todo o escopo que possuímos até aqui podemos agora nos voltar para a *Poética* e transpor para lá as noções de *kátharsis* anunciadas nos livros anteriormente estudados. O que

se tem a acrescentar é que então ela é considerada dentro da definição de tragédia. A tragédia "por meio da piedade e do medo leva a termo a purgação dessas afecções". Ela é um exemplo de espetáculo com o poder de purgar, com o poder de expulsar do espectador algo cujo excesso é prejudicial e trazer, com isso, o alívio e o prazer. O medo e a piedade são afecções (*páthē*) que uma vez instaladas na alma se comportam como males, doenças. Se não fosse como o descrito a purgação não aconteceria, pois ela se dá somente conforme à necessidade (como vemos na *História dos Animais*). A insanidade, portanto, também pode se estender à alma. Apesar de nos ser próprio o ser acometido por afecções, assim como nos são próprios os humores corporais, faz-se necessária (disso depende nossa saúde física e psíquica) a purgação dos excessos.

3. Bibliografia

3.1. Obras encadeadas hipertextualmente

GRESSETH, G. K. **The System of Aristotle's Poetics**. Transactions and Proceedings of the American Philological Association, vol. 89, (1958), pp. 312-335.

<http://www.jstor.org/pss/283684>

HALLIWELL, S. **La Psychologie Morale de la Catharsis**. In *Les Études Philosophiques* n. 67 – 2003/4. <http://www.cairn.info/revue-les-etudes-philosophiques-2003-4.html>

3.2. Outras obras

ARISTOTE. **Histoire des animaux**. Texte établi et traduit par Pierre Louis. Paris: Les Belles Lettres, 1968, t. 2.

ARISTÓTELES. **Política**. Tradução, introdução e notas de Mário da Gama Kury. 3 ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1997.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo: Ed. Nova Cultural (Os Pensadores), 1987.

ARISTOTELIS. **Política**. Recognovit brevique adnotatione critica instruxit W. D. Ross. Oxford: Oxford University Press, 1986.

BAILLY, A. **Dictionnaire Grec Français**. Rédigé avec le concours de E. Egger, édition revue par L. Séchan et P. Chantraine, avec, en appendice, de nouvelles notices de mythologie et religion par L. Séchan. Paris: Hachette, 2000.

CHANTRAINE, Pierre. **Dictionnaire Étimologique de la Langue Grecque**. Paris: Klincksieck, 1990, v. 1.

EURIPIDES. **Works**. With an English translation by Arthur S. Way. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press; London: William Heinemann, 1979, v. 3.

EURÍPIDES. **Works**. With an English translation by Arthur S. Way. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press; London: William Heinemann, 1988, v. 2.

YEBRA, Valentín García. **Metafísica de Aristóteles**. 2ª edição revisada, trilingüe. Madrid: Gredos, 1998.

YEBRA, Valentín García. **Poética de Aristóteles**. Edição trilingüe. Madrid: Gredos, 1974.

4. Autores

Alice Haddad, agosto de 2001.